

A maternidade compulsória em *posts* da revista Marie Claire: entre o amor, o ódio e a contradição

Compulsory motherhood in Marie Claire magazine posts: between love, hate and silencing

Graciele de Fátima Amaral

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

gracidfamaral@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-7786-2081>

Marilda Aparecida Lachovski de França

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

lachovskimarilda@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5421-5419>

RESUMO

Este estudo se propõe a refletir sobre os processos de produção de sentidos em textos-imagem indexados a uma reportagem da revista Marie Claire-Brasil intitulada *Odeio a maternidade, mas amo a minha filha: é preciso falar sobre os arrependimentos em torno do ser mãe* (em 16/06/2023) buscando compreender como se dá a resistência aos modos de naturalização na/da maternidade, bem como a constituição do sujeito mulher/mãe, como sempre dividido. Nos amparamos na perspectiva da Análise do Discurso de linha franco-brasileira de Michel Pêcheux e relida por Eni Orlandi, no Brasil. Perguntamo-nos sobre a (re)produção de sentidos sobre o “ser e não ser mãe”, considerando a maternidade imposta, “romantizada” ou compulsória, como parte de um conflito de sentidos e saberes, instaurando a resistência, deslocando sentidos.

Palavras-chave: Maternidade compulsória; Sujeito mulher/mãe; Discurso; Paráfrase; Desidentificação.

ABSTRACT

This study proposes to reflect on the processes of meaning production in image texts indexed to a report from Marie Claire-Brasil magazine entitled *I hate motherhood, but I love my daughter: it is necessary to talk about the regrets surrounding being a mother* (on 06/16/2023) seeking to understand how resistance to the modes of naturalization in/of motherhood occurs, as well as the constitution of the woman/mother subject, as always divided. We rely on the perspective of Franco-Brazilian Discourse Analysis by Michel

Pêcheux and reread by Eni Orlandi, in Brazil. We wonder about the (re)production of meanings about “being and not being a mother”, considering imposed, “romanticized” or compulsory motherhood, as part of a conflict of meanings and knowledge, establishing resistance, displacing meanings.

Keywords: Compulsory maternity; Woman/mother subject; Speech; Paraphrase; De-identification.

INTRODUÇÃO

Ser mãe, ou não o ser, é uma demanda que, antes e agora, produz um efeito de “função” (Gonzaga; Mayorga, 2019, p. 62). A maternidade é, ao longo do tempo, atribuída às mulheres e torna-se uma questão sobre a qual todas, em algum momento de suas vidas, serão exigidas e deverão não só tomar partido, mas dar uma resposta à sociedade. Essa “função”, sob um efeito, não considera que, se há aquelas que desejam ser mãe, há outras mulheres que não o desejam. Infelizmente, todas vão experienciar algum tipo de cobrança social acerca da maternidade, em algum momento de suas vidas.

Iniciamos nossa reflexão a partir dos texto-imagens¹ (Venturini, 2017) veiculados na Revista Marie Claire Brasil, e que sinalizam, em nossa leitura, para a maternidade como prática compulsória, pois, nelas e por elas, o sujeito mulher se desdobra e se (re)significa, num modo de resistir e romper com o pré-determinado e relegado às mulheres: ser mãe. É, portanto, a partir de recortes da referida revista, e amparadas na perspectiva da Análise de Discurso (doravante AD), que buscamos no presente texto refletir sobre a (re)produção de sentidos acerca da maternidade como discursividade, logo, como lugar de observação do discursivo. Colocamos em análise o movimento de sentidos em torno da maternidade compulsória, como constitutiva das práticas sociais, sendo repetida, exigida e naturalizada como um “dever” de toda mulher.

Utilizou-se, portanto, como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso (de filiação pecheutiana ou franco-brasileira), de Eni Orlandi, no que tange à Memória Discursiva, ou seja, sua exterioridade constitutiva por meio de discursos já ditos que irrompem do Interdiscurso para o Intradiscurso por meio das Formações Discursivas.

¹ Termo empregado por Venturini (2017, p. 52) no qual a autora define o corpo como “texto”, ou “texto-imagem”: “[...] O corpo é um grande texto e, entre as discursividades, a mais visível pelo seu funcionamento discursivo como memória, como objeto material, como texto-imagem, como discurso [...]” (Venturini, 2017, p. 52).

INICIANDO UM GESTO DE ANÁLISE...

A revista Marie Claire é mensal, voltada para mulheres de diferentes idades, e sua primeira edição foi publicada no Brasil em 1991. É importante destacar que a revista feminina sempre teve um papel de parceria para boa parte do público leitor feminino. Não faz muito tempo, eram esses periódicos que aconselhavam sobre comportamento e elucidavam dúvidas que as mulheres não resolviam com pessoas do seu convívio, temendo vergonha ou mesmo censura.

Ainda hoje, as revistas – mesmo que publicadas em suportes *online* – são mais do que entretenimento para as mulheres, são também fonte de informação sobre os mais variados temas, com tom de aconselhamento muitas das vezes; entre os diversos segmentos, o dedicado ao público feminino é um dos mais tradicionais e com os mais variados títulos. Para Araujo e Bonadio (2015, p. 945), a principal estratégia de mercado é a segmentação, pois cada revista tem um público muito específico: seja sexo, idade, interesses, comportamento ou todos esses fatores combinados.

Como postula Orlandi (2003, p. 34), uma imagem, a exemplo do que ocorre com as imagens e os símbolos que nos rodeiam, produz uma significação a partir de uma leitura, ou seja, “a imagem é discurso”, é materialidade. Além de que, é também pela memória que há a produção do discurso, ou a maneira como a memória “aciona” faz valer as condições de produção de determinado discurso. E a materialidade da imagem é aquilo que a constitui na relação com a memória discursiva, ou seja, sua exterioridade constitutiva, os discursos já ditos que irrompem, de acordo com Pêcheux (2014, p. 141), do interdiscurso para o intradiscurso por meio das mais diversas formações discursivas.

Dessa maneira, e nessa relação, outros discursos funcionam como pré-construído de uma textualização do sentido, mas isso não está no eixo da representação, como se o sentido tivesse sido dado aprioristicamente: são memórias – memória que dentro da AD pecheutiana indica que o que já foi dito retorna no dizer inconscientemente regressando ao eixo da formulação, da atualização do discurso, possibilitando uma interpretação a partir de retomadas discursivas.

Assim sendo, Formação Discursiva² (ou FD) corresponde ao sentido que não existe por si só, mas é “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (Orlandi, 2003, p. 42). Orlandi ressalta ainda que “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (Orlandi, 2003, p. 43). Logo, é possível dizer que há sempre uma relação (de confronto) entre diferentes formações discursivas.

Sendo assim, de acordo com Orlandi (2003, p. 45), as FDs “podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações” (Orlandi, 2003, p. 43), sendo, portanto, dizeres já-ditos, onde os sentidos não estão já dispostos na língua, mas são significados “nas/pelas formações discursivas [...] constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (Orlandi, 2003, p. 44).

Partindo do princípio de que todo discurso funciona na relação com outros dizeres (e outros discursos) – “dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (*idem*, p. 48) – nos propomos a pensar o movimento dos sentidos sobre o “ser mãe”, rompendo ou desestabilizando os saberes, já sabidos, repetidos e naturalizados nas práticas sociais. Assim, como destacamos nos recortes, os sentidos produzidos se dão em disputa, sinalizando para a maternidade não-romantizada, para o conflito que há entre o ser mãe e o amor sentido pelo filho. O conflito que se coloca, portanto, é o da constituição do sujeito-mãe em relação ao que a FD permite, produzindo uma contradição em torno da maternidade como possibilidade/impossibilidade de querer ou sentir-se realizada como tal.

O Texto-imagem 01 foi publicado no dia 16 de junho de 2023 no site da revista em questão, assim como na rede social Instagram no dia 20 de junho de 2023, ambos com o título “Odeio a maternidade, mas amo a minha filha: é preciso falar sobre os arrependimentos em torno do ser mãe” sob a autoria de Juliana Picanço, em São Paulo.

² Pêcheux (2014, p. 147), define a formação discursiva como “aquilo, que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito* (...) (grifos do autor).

Texto-imagem 01 – Postagem do Instagram



Fonte: Revista Marie Claire³ – Instagram

As condições de produção do Texto-Imagem 01, segundo Orlandi (2003), compreendem e abarcam os sujeitos e a situação na medida em que fazem refletir sobre aquilo que numa imagem produz sentidos – aquilo que não está nela, nem no seu suporte, mas no interdiscurso, o “já-lá”, ou o “todo complexo com dominante”, como nos ensina Pêcheux (2014, p. 137).

No Texto-Imagem 01 há uma mulher com a criança pequena no colo que faz compreender tratar-se de uma mãe. O sentido que emerge é do sofrimento na expressão da sua face voltada para cima, remetendo a um tipo de súplica. A maternidade socialmente se associa a conceitos de sofrimento, sacrifício e amor, um amor que foi naturalizado como inato e consolidado como incondicional, a ponto de sua falta provocar estranheza e desconforto social. Assim, a ausência desse sentimento faz com que a mulher seja vista como uma mãe inadequada ao papel que lhe fora imposto, pois a falta de amor materno contraria o modelo de mulher feminina e maternal.

O modelo de mãe, amorosa e perfeita, regulado pelo sentimento de culpa, desenha a mulher como alguém capaz de qualquer sacrifício pelo bem-estar do filho e da família. Alguém que só existe pela/para a função materna. O mal-estar diante da própria inadequação ao modelo, manifesto pela culpa, é o

³ Postagem feita na rede social Instagram da Revista Marie Claire (Picanço, 2023).

principal mecanismo de controle do comportamento materno (Porto, 2011, p. 61).

Neste sentido, as mulheres que destoam das normas e regras sociais, não performando o papel feminino pré-estabelecido, são condenadas no plano moral.

No Texto-Imagem 02, além da imagem de uma mãe com seu olhar voltado para baixo num gesto de tristeza, há ainda a palavra “arrependimento”, que rompe com estereótipos maternos. A maternidade é construída em torno dos ideais de sofrimento e amor de forma naturalizada, porém, quando mães expressam sentimentos contrários (como arrependimento), causam estranheza e desconforto. Não amar o filho faz com que a mulher seja vista como uma mãe “desnaturada”. Dessa forma, a ausência desse amor desafia o modelo que define a natureza definidora do que é feminino.

Texto-imagem 02 – Postagem do Instagram



Fonte: Revista Marie Claire⁴ – Instagram

Essa disputa de sentidos (Orlandi, 1999) atesta para a negação que o título da reportagem traz – *Odeio a maternidade, mas amo a minha filha: é preciso falar sobre os arrependimentos em torno do ser mãe* –, apontando para os modos como uma formação discursiva trabalha suas fronteiras, lidando com a exterioridade do discurso da maternidade sob o ponto de vista da resistência, como desestabilização dos sentidos. Mas,

⁴ Postagem feita na rede social Instagram da Revista Marie Claire (Picanço, 2023).

se consideramos que o sentido sempre pode ser outro, e que o discurso é *variança*, movimento de sentidos, tal como o faz Orlandi (1999), os significantes mãe e maternidade não são sinônimos, uma vez que odiar a maternidade e amar ser mãe produzem o contraditório, numa mesma FD, resultando em um movimento de contraidentificação do sujeito-mãe. Segundo Pêcheux (2014), o sujeito, na perspectiva discursiva, é duplamente atravessado, pela língua e pela história, logo, não tem controle sobre o modo como ambas o afetam, ou ainda, como aponta Orlandi (2003, p. 21), não é origem, nem fonte do dizer, não tendo domínio sobre os sentidos, num efeito de incompletude, sempre (re)produzindo o já dito.

Adentrando na relação entre sujeito e sentidos⁵, Pêcheux (2014) formula três modalidades de identificação do sujeito. A primeira é a identificação plena – o bom sujeito – aquele do “assim seja,” que filia-se plenamente à FD, “sob a forma do livremente consentido” (Pêcheux, 2014, p. 199). Na segunda modalidade, a contraidentificação, o sujeito não se identifica plenamente com a FD na qual está inscrito, e resiste. Essa tomada de posição, mesmo não rompendo com os saberes da FD, produz um movimento de contradição – e diz não – sendo, portanto, o sujeito da resistência. Já a terceira modalidade é a desidentificação: nela o sujeito não se identifica, rompe e filia-se a saberes de outra formação discursiva. Esses modos de identificação nos permitem pensar que o assujeitamento, na contraidentificação, mesmo resistindo e dizendo “não”, se divide em sua condição constitutiva: é interpelado pela ideologia em seu duplo funcionamento, sob a forma do “acobertamento-rejeição” (Pêcheux, 2014, p. 199).

Nos recortes analisados há o funcionamento da segunda modalidade (sujeito da resistência), no qual considera-se o confronto entre os significantes mãe e maternidade como discursividade na qual há um movimento de contradição. Assim, considerando o Texto-imagem 01, podemos dizer que o sujeito não rompe com a FD a qual se filia e que coloca em questão a maternidade, o que ressoa no uso da adversativa: “*odeio a maternidade, mas amo minha filha*”, no jogo de sentidos entre amar e odiar. O ser mãe é posto em suspenso, uma vez que, para o sujeito, apaga-se a relação sinonímica entre mãe/maternidade. Logo, o movimento de contraidentificação atesta para “uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) com relação ao que o

⁵ Essa relação, posta por Pêcheux (2014), foi entendida por Althusser (1985), considerando que, pelo funcionamento da ideologia, a divisão entre bons e maus sujeitos, se dá pela interpelação do indivíduo em sujeito, ou seja, pela sua submissão ao Sujeito universal, uma forma de “ritual preciso” (Althusser, 1985, p. 99-100).

sujeito universal lhe dá a pensar” (Pêcheux, 2014, p. 199, grifo do autor). Portanto, a evidência ideológica – que todo sujeito-mulher/mãe deve amar sê-lo – é colocada em questão e desestabiliza os sentidos dessa relação, produzindo um outro modo de ser e de se significar. Partimos para o Texto-imagem 03:

Texto-imagem 03 – Postagem do Instagram



Fonte: Revista Marie Claire⁶ – Instagram

A partir do que pontuamos anteriormente, no recorte Texto-imagem 03, o sujeito-mãe põe em conflito os sentidos acerca do que desejava, e do que “realmente foi e o que o silenciamento”, ou seja, sinalizando para a construção do imaginário em torno da maternidade e de como ela funciona, na prática. Esses saberes que, para o sujeito, estão/estavam cerceados pelo silêncio⁷, movimentando os sentidos e produzindo, por um efeito, a naturalização da relação mãe e maternidade, apagando as diferenças, como um só. Neste sentido, “as evidências produzidas naturalizam os sentidos postos pela interpelação ideológica, e apagando os múltiplos fazem surgir o óbvio, dado como natural e homogêneo, imutável, no entanto, falha” (Lachovski, 2021, p. 94). Vejamos:

⁶ Postagem feita na rede social Instagram da Revista Marie Claire (Picanço, 2023).

⁷ Orlandi (2007, p. 92), aponta para o silêncio fundador, e aponta que “é assim que o interdiscurso, na ilusão do conteúdo, é trabalhado pelo silêncio. Quando o interdiscurso 'apaga' o silêncio fundador, enquanto tal, fazendo com o que não-dito se sobreponha (coincida) ao já-dito, ele produz a impressão de que o sentido não pode ser, na origem, senão *um*” (grifo da autora).

Texto-imagem 04 – Postagem do Instagram



Arrependimento não significa violência ou abandono. Essas mulheres amam seus filhos, cuidam e são responsáveis por eles, mas sofrem, quase sempre em silêncio, por desejarem nunca terem sido mães 🥹

Luana Ganzert, psicóloga especialista em emoções



marieclaire

Fonte: Revista Marie Claire⁸ – Instagram

No Texto-imagem 04, há a presença da profissional, legitimada no e pelo Estado, que vem, de certo modo, sustentar a contraidentificação do sujeito que não se filia à maternidade. Os pares violência e arrependimento são desdobrados e sinalizam para outros sentidos como cuidado e responsabilidade, deslocando o efeito de um discurso único sobre a relação mãe/maternidade. É nesse movimento, rompendo a lógica do funcionamento ideológico, que situamos a língua nas condições de produção, as quais também são inacessíveis ao sujeito se a formulação não for lugar (possível), do visível e do imediato. Logo, trabalho do político, como divisão de sentidos e de sujeitos, como nos ensina Orlandi (1998, p. 54).

A MÃE SOFREDORA: REPETIÇÃO E NATURALIZAÇÃO

Pensando no movimento de sentidos, considerando a relação entre interdiscurso e intradiscurso como sendo os eixos da constituição e da formulação, conforme postulado por Pêcheux (2014), consideramos o funcionamento da paráfrase um entrecruzamento da memória e do movimento dos sentidos, deslocando o que é “dado” para o que é “provável” (por um efeito de evidência). Para tanto, nos referimos à obra *A Pietá*,

⁸ Postagem feita na rede social Instagram da Revista Marie Claire (Picanço, 2023).

esculpida em mármore, por Miguel Ângelo di Lodovico Buonarroti Simoni (Michelangelo) no período do Renascimento, atualmente alocada na basílica de São Pedro Vaticano. A obra retrata Cristo morto no colo de sua mãe, após ser retirado da cruz.

Texto-imagem 05



Pietá – Michelangelo – 1499

Escultura em mármore. Dimensões: 174x195.

Fonte: <http://www.guiageo-europa.com/vaticano/pieta>.

A partir do enunciado (manchete da reportagem) bem como dos Textos-imagem sob análise, há a naturalização do sujeito mãe atrelado ao sofrimento, destacando-se como uma das especificidades constitutivas deste discurso em torno da maternidade. Para identificar a naturalização desse discurso, realizamos uma análise a partir do conceito de paráfrase e polissemia. Os processos parafrásticos “são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória [...], representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer [...]” (Orlandi, 2003, p. 36).

De acordo com os processos parafrásticos, ao retomar o Texto-imagem 02, é possível reconhecer que através de uma formação discursiva religiosa o sujeito mãe é constituído a partir do viés do sofrimento naturalizado, pois toda a materialidade carrega em si um conjunto de traços discursivos que se associam a já-ditos anteriores e exteriores a ela mesma através da repetibilidade. Para a AD, a repetição implica a retomada de uma memória que foi regularizada, é um saber de tipo universal. Para Orlandi, a paráfrase é

[...] a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois os sentidos – e os sujeitos –

não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer [...] Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eternaliza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder (Orlandi, 2003, p. 38).

A repetibilidade é, portanto, uma das faces da polissemia da qual emergem sentidos que não são mais aqueles, mas outros. Podemos conferir que, no enunciado “Odeio a maternidade, mas amo minha filha”, há sentidos intercambiados de outra formação discursiva que não se relaciona com as imagens mais recorrentes da figura da mãe, ou seja, atrelada ao sofrimento. Há, no enunciado, a recusa.

A imagem de sofrimento presente no Texto-imagem 01, embora retomada a partir de um já-dito, não ocorre na imagem pesarosa do Texto-imagem 02, na qual a mãe é complacente com o seu próprio suplício. A mãe da reportagem está sob o manto da recusa, da maternidade não-romantizada, mas imposta às mulheres de maneira compulsória. Badinter (2011) aponta que o amor maternal, ou o Mito do Amor Materno, não é da essência da mulher, pois seu interesse, sua dedicação, ou mesmo seu cuidado pelo filho(a) podem ocorrer ou podem não ocorrer. Ainda, os papéis sociais de mães e de pais tampouco são naturais, estando subordinados a exigências e valores dominantes de cada sociedade.

Seguindo o mesmo ponto, na visão de Elisabeth Badinter, no livro “O Mito do Amor Materno”, é possível identificar que tal dispositivo foi historicamente forjado, o que permite desconstruí-lo (Badinter, 2011). Operar tal desconstrução torna-se relevante para não tomar este tipo de amor (dispositivo) como intrínseco à mulher. Badinter afirma que, de acordo com a construção social e histórica, todas as mulheres desejavam “procriar e o fazia sem muitas perguntas, a reprodução era ao mesmo tempo um instinto, um dever religioso e uma dívida a mais para com a sobrevivência da espécie” (Badinter, 2011, p. 45). A maternidade faz mãe não apenas a que dá luz – mesmo sendo a gravidez e o parto intrínsecos à ideia de maternidade –, mas a que compulsoriamente está destinada aos cuidados da cria, zelando por seu bem-estar e educação (Badinter, 2011, p. 68).

Badinter apresenta a construção do Mito do Amor Materno descrito como uma emoção forjada no círculo das relações de poder. Tal sentimento é descrito por ela como um sentimento qualquer que tem como características a fragilidade, a imperfeição, a instabilidade, podendo, inclusive, aparecer ou desaparecer. Assim como outros autores já citados, ela descreve um percurso histórico em que retrata a construção do Mito do Amor Materno em algumas sociedades. Aponta que no final do século XVIII é que se operou

“uma espécie de revolução das mentalidades” onde “a imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente” (Badinter, 1985, p. 145). Foi nesse mesmo período que se observou que o amor materno parecia um novo conceito,

Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte. Aliás, evoca-se com prazer sua existência nos tempos antigos [...]. Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. Alguns, mais cínicos, verão nele, a longo prazo, um valor mercantil. Igualmente nova é a associação das duas palavras, "amor" e "materno", que significa não só a promoção do sentimento, como também a da mulher enquanto mãe. Deslocando-se insensivelmente da autoridade para o amor, o foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade... (Badinter, 1985, p. 144-145).

Badinter teoriza a respeito da desconstrução desse mito como se fosse algo estigmatizado no papel único e exclusivo da mulher, pois, na mesma dimensão em que as responsabilidades aumentaram com a assunção da função de mãe, também aumentou a valorização do devotamento e do sacrifício feminino em detrimento dos filhos e da família, colocando-a num espaço social restrito.

Butler estabelece ainda o papel que a linguagem exerce nos mecanismos de dominação, ressaltando assim a importância de vozes femininas nos mais diversos discursos sociais, mas principalmente nas obras literárias, destacando ainda a autoria enquanto gênero:

Grande parte da teoria e da literatura feministas supõe, todavia, a existência de um fazedor por trás da obra. Argumenta-se que sem um agente não pode haver ação e, portanto, potencial para iniciar qualquer transformação das relações de dominação no seio da sociedade (Butler, 2018, p. 42).

A autora utiliza ainda o termo “performatividade” – proveniente da linguística e da filosofia – fazendo referência às práticas regulatórias e de repetição que impõem uma unidade, uma padronização a comportamentos estabelecidos pela cultura. Tais performances dizem respeito, nesse caso, a sexo, gênero e maternidade, ou seja, repetir atos que foram, ao longo da história, estabelecidos cultural e socialmente como femininos é validar-se enquanto sujeito pertencente a este gênero (ações performáticas).

Ao performatizar o amor materno e o cuidado familiar, observa-se uma forma de construir um sujeito feminino. Portanto, a recusa da maternidade acarretaria uma pena social e, ao contrário, havendo essa aceitação, tornar-se mãe seria uma ação compulsória

e não mais uma escolha, já que isso seria intrínseco ao gênero feminino. A autora reitera gênero como “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2018, p. 69).

O termo empregado por Butler a respeito da maternidade como uma “instituição social compulsória” consiste em práticas de socialização, mecanismos de regulação que impelem as mulheres a se tornarem mães. Tais mecanismos levam em consideração apenas o fator biológico de gestação, que é determinante para o lugar social do sujeito feminino. Para Butler, a maternidade (compulsória) tende a ser encarada enquanto prática pela qual a conduta feminina é regulada. Nos discursos presentes no Texto-imagem 01 em análise, é perceptível a dificuldade de nomear-se sob o manto da performance da maternidade, o que corrobora com Butler quando ela diz que “Biologia não é destino” (ibid., p. 23).

No Textos-imagem (recortes), há, sob nosso ponto de vista, a desconstrução dos saberes acerca não só do cotidiano íntimo da vida dessas mulheres, sujeitos constituídos na interpelação ideológica, mas a desnaturalização da relação mãe/maternidade como discurso homogêneo, apontando para o duplo atravessamento, da história e da língua, na produção e deslocamento de sentidos. Ser ou não ser mãe, amar ou não amar sê-la, são saberes inscritos em formações ideológicas, reguladas e legitimadas por mecanismos de poder, que o instauram como um “deve”, como prática regulada, apagando as diferenças, a resistência, a contradição, como se não fosse, como sabemos, discursividade – lugar do novo, da abertura, atestando para a incompletude e heterogeneidade da língua, que nos constitui.

MAIS UM (OU UM ÚLTIMO) GESTO DE ANÁLISE

Compreender as necessidades das famílias contemporâneas requer uma abordagem contextualizada, devendo-se considerar as implicações das transformações sociais, valorizando a diversidade dos arranjos familiares presentes na atualidade, especialmente os que servem como elementos de coerção das mulheres.

Os inúmeros conceitos oriundos dos movimentos feministas buscaram problematizar e aflorar determinados discursos antes silenciados. Pensar a maternidade, a constituição do sujeito mulher/mãe tal qual uma construção social, histórica e cultural, para que tal composição fosse vista como escolha, ou uma construção estabelecida socialmente, podendo a mulher escolher e construir uma identidade materna, não existia. Fatores como a recusa, com o não reconhecimento em si do desejo de ser mãe também era impensado.

Desse modo, evidencia-se que a maternidade está/estava tradicionalmente envolta pela relação de consanguinidade, o que já estabelecia intrinsecamente um vínculo afetivo que envolve cuidado integral. Destaca-se, portanto, que a gravidez passa do âmbito do querer para a atribuição. A forma de coerção em que as mulheres sempre estiveram submetidas as mantém sob a condição de incubadoras, gerando, junto com os filhos, o constante sentimento de culpa.

Tais coerções impedem as mulheres de exercer controle sobre sua própria função reprodutiva e impõem sobre seus corpos a maternidade compulsória, obrigando-as a tornarem-se sujeito-mulher/mãe. À vista disso, é necessário compreender a não naturalidade do processo da maternidade bem como o fato de que nem todas as mulheres desejam ser mães. Objetiva-se, além da contribuição para o estudo da AD, que se consolide o respeito as escolhas reprodutivas das mulheres, para um olhar mais amplo e compreensivo sobre a maternidade. Espera-se, com este artigo, ter contribuído para que este caminho seja menos longo e árduo para as mulheres.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. 2ª ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARAUJO, Denise Castilhos de; BONADIO, Maria Claudia. De leitora para leitora: o espaço da mulher madura na revista Marie Claire. *Rev. Estudos Interdisciplinares: Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 939-958, 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-868926>. Acesso em: 20/07/2023.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORGA, Claudia. Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe2, p. e225712, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxknjnnyKP/?lang=pt>. Acesso em: 01/11/2024.

LACHOVSKI, Marilda Aparecida. *Violência e dominação: o Estado, a mídia e a (re)produção dos “despossuídos”*. Tese de doutorado. 161p. Santa Maria: UFSM, 2021.

ORLANDI, Eni. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Fpolis, n.1, jul-dez 1998.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 5ª Edição, 2003.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ªed. Campinas: editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi (et al). 5ª ed. Campinas: editora da Unicamp, 2014.

PICANÇO, Juliana. *Odeio a maternidade, mas amo minha filha': é preciso falar sobre os arrependimentos em torno do “ser mãe”*. Revista Marie Claire: São Paulo. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/maes-e-filhos/noticia/2023/06/odeio-a-maternidade-mas-amo-minha-filha-e-preciso-falar-sobre-os-arrependimentos-em-torno-do-ser-mae.ghtml>. Acesso em: 20/07/2023.

PORTO, Dora. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. *Revista Redbioética/UNESCO*, Año 2, vol. 1 No. 3, p. 55-66, Enero-Junio 2011 - ISSN 2077-9445. Disponível em: <https://redbioetica.com.ar/wp-content/uploads/2018/11/revista3.pdf#page=55>. Acesso em: 01/11/2024.

VENTURINI, Maria Cleci. (Org.) *Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso*. Campinas: Pontes, 2017.

Recebido em: 28/05/2024

Aceito em: 01/11/2024

Graciele de Fátima Amaral: mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA. É Licenciada Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), foi membro do Grupo de Pesquisa "Literatura e suas Interfaces" e bolsista do Programa BIC-UNICENTRO desenvolvendo pesquisas de Literatura Portuguesa e outras Artes. Pós-Graduada em Diversidade Escolar - Comunidades Quilombolas, Indígenas e Educação do Campo pelo Instituto Dimensão de Maringá - PR (Faculdade Dom Bosco). Possui ainda Especialização em Tecnologias de Informática na Educação pela Universidade Estadual de Londrina.

Marilda Aparecida Lachovski de França: possui graduação em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2012) e graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2008), com especialização em Ensino de Língua e Literatura de Língua Portuguesa, Educação do Campo e Diversidade. Professora na rede estadual de educação, Secretaria Estadual de Educação (SEED/PR), e também na rede privada de ensino, nas disciplinas de História e Língua Portuguesa. Mestre em Letras, Interface Língua e Literatura - Unicentro (PPGL). Doutora pela UFSM - RS, área Estudos Linguísticos, linha Sujeito, Língua e História. Estágio pós-doutorado em andamento, UNICENTRO.